

Orcelas, Aires de  
Aires de Orcelas. Colectanea das suas principais  
obras militares e colonias. Vol. I.  
Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca da  
Agência Geral das Colónias, 1934.

não poderia subir o rio, e disse ao Couceiro que apertasse a perseguição que eu ia buscar a 1.ª companhia de caçadores 2 para ver se ainda se caçava algum.

Ao saber o inimigo tão perto, toda a coluna precipitou a marcha; às 3 horas, na margem do Incomati, davam-se os primeiros tiros da campanha sobre umas almadias que iam passando. Da margem esquerda do rio só nos fizeram dois tiros. Em seguida, subimos ao alto da encosta que aí forma a margem do rio e marcámos o local do bivaque, em quadrado, caçadores 2 ocupando as faces da frente e da esquerda, caçadores de África, negros de Angola, a da retaguarda, e a infantaria e cavalaria da polícia, a melhor tropa portuguesa que tenho visto, a face da direita (1).

Estabelecemos oito postos avançados de negros, a 200 ou 300 metros do campo, rodeando-o todo, postos que eram rondados das 10 horas da noite às 4 horas da manhã pelos oficiais do Estado Maior da coluna.

Os dias 29 e 30 passaram-se sem novidades, debaixo duma chuva torrencial e constante. Parecia que chovia a baldes. Iam-se mandando os negros fazer razias nas povoações próximas, e no acampamento havia fartura de galinhas, porcos, patos, leitões, bois, etc. Mas o péssimo tempo ia obrigando os soldados a construir uns abrigos, em geral com os tectos das palhotas das povoações destruídas, e essas edificações iam pejando muito o campo, sobretudo na face dos pretos, cada um dos quais tinha larga porção de objectos roubados, e cujos abrigos iam já além da linha dos sarilhos.

Estávamos preparando a passagem para a outra margem, marcada para 1, com o auxílio da esquadrilha que nos devia rebocar.

O dia 1 foi o único de bom tempo de toda a expedição,

---

(1) Esta situação do quadrado é marcada voltando as costas para o rio e a frente para a campanha.

mas a esquadriha não pôde aparecer. Na realidade, nem tôda a boa vontade dos officiais de marinha consegue fazer qualquer coisa com os chavecos que lhes dão e que, quando não encalham por terem muito calado de água, arrebentam os tubos das caldeiras.

Passamos êsse dia gozando dum Sol que nos ia enxugando, havendo apenas para entreter a prisão dum negro, feita por um cabo de caçadores 2 e a cujo interrogatório assisti. Era feito pelo Caldas Xavier, o 2.º comandante *in nomine*, de facto o primeiro e único, e com certeza o 1.º official de comando que aqui há com 15 anos de prática de África; enérgico e valente, foi a alma de expedição. Servia de intérprete um negro de Cabo Verde, o Pedro Baessa (1), valentíssimo e com uma queixa contra os landins por lhe terem queimado duas casas de comércio que aqui tinha. O negro era evidentemente um espião; tinha estado doente, dizia, não sabia nada da guerra, que a gente da Zichacha naturalmente tinha tôda passado o rio, etc. Apertado, nada quis dizer e foi por fim fuzilado.

Nessa noite cabia-me e ao Raúl Costa, irmão do Eduardo, que aqui anda com o Caldas Xavier, a ronda aos postos avançados, das 2 às 4 horas da manhã. Fizemos a ronda sem novidade; demorámo-nos um bom bocado no posto que os landins massacraram meia hora mais tarde e fomos com certeza vistos por êles, que já deviam estar escondidos no mato. É onde a protecção de Deus foi mais visível para nós. Voltamos ao campo, e entramos pela face dos negros, dizendo eu ao Costa, ao ver as palhotas dêles, que cada dia aumentavam: «estas palhotas são o meu cuidado». Corri atentamente o bivaque todo, mandei tocar à alvorada às 4 horas, como estava ordenado. A essa hora tudo pegava em armas até ao sol fora. A'

---

(1) Até há dois ou três anos recebia sempre carta do Pedro Baessa pelo aniversário do Marracuene. Nem me faltaram na prisão. A última era datada do interior do Distrito de Moçambique.

negros foi reforçada ainda com os carros e uma metralhadora ao meio, e, para os tornar mais sólidos, de noite eu e o Couceiro fomos mandados para a retaguarda das fileiras, onde dormíamos alternadamente duas horas cada um, sem o mais pequeno abrigo. Suprimiram-se os postos avançados, mas ordenou-se que, a partir do sol posto, uma fileira em cada face ficaria sempre tãda em armas e render-se-iam de duas em duas horas. Essas precauções tiveram resultado. Nessa noite, pela 1 hora, estava eu de ronda aos negros e estava ao centro da face olhando para fora, quando rebentou mesmo na minha frente, a uns 200 metros o máximo, uma descarga de umas vinte espingardas.

O nosso quadrado iluminou-se como um vulcão e à nossa segunda descarga cessou o fogo do inimigo. Este repetiu as suas tentativas ainda duas vezes sem mais resultado e sem nos matar ninguém. Já nos dias seguintes nos deixaram quietos. No dia 3 fui mandado a bordo do *Neves Ferreira*, vaporzito da esquadriha, rebocando uma companhia de angolas, para os desembarcar na margem esquerda do Incomati, no sítio que escolhesse e onde pudessem fazer mais estragos. Subimos o rio cêrca de um quilómetro, até umas três povoações na borda duma planície imensa, que as metralhadoras cobriram de fogo, fazendo fugir a unhas de cavalo meia dúzia daquela canalha. Larguei os angolas em terra e meia hora depois tinha a satisfação de ver em enormes fogueiras tãdas as povoações. Ao chegar ao campo tive a sorte de achar cartas de casa de 24 e 25 de Dezembro, vindas do Cabo, e que, apesar de atrasadas, me deram o maior gôsto.

O mau tempo continuava duma maneira infame, os soldados iam adoecendo em número cada vez maior, e o Enes, a 4, mandava-nos retirar destruindo tudo na passagem.

Durante a nossa campanha, o régulo da Matola, nosso auxiliar, tinha feito guerra ao da Zichacha, tendo-lhe morto cêrca de 200 homens, de modo que os dois rebeldes levaram uma boa tarefa. A marcha para Anguane foi de 7 horas consecuti-

vas sob imensas torrentes de água. Apesar disso, queimaram-se 5 ou 6 povoações e que são das mais ricas e importantes do Mahazul. Não vimos nem raça de inimigo.

De Anguane para aqui viemos ainda debaixo de água. Almoçámos com o governador, em casa de quem o Enes nos esperava, e à noite oferecemos, no único restaurante português da terra, um jantar bem alegre e entusiasta ao Caldas Xavier.

Ontem, andei todo o dia daqui para Lourenço Marques e de lá para cá. Sempre são 3 quilómetros, tratando de mudar as tropas para os quartéis cá de cima e hoje de manhã, quando fui almoçar com o Enes, tive o mais amável e honroso convite para ser seu ajudante, o que aceitei (1).

Fico agora, pois, com o Couceiro, ajudante de campo de Sua Ex.<sup>a</sup> o Comissário Régio. Disse-me que havia de ser o seu ajudante diplomático e que desde já me prevenia que não ia ser uma sinecura. Quando agüentei o que tenho passado desde o dia em que cheguei, primeiro com um trabalho intensivo sob um calor de fornalha, depois dez dias de água sem mudar nunca a roupa, nem tirar botas, nem enxugar, quasi sem dormir, passando por uma prova das mais duras que se passam, não só no combate mas nas fadigas da campanha, e tudo sempre na melhor disposição de espirito, e tranquillidade, sem um ligeiro ameaço de dor de cabeça, com bom apetite, (dizem todos aqui que tive a habilidade de engordar) francamente não será o trabalho que eu receio, mas não sei se a minha franqueza, será qualidade de diplomata. Enfim, far-se-à o que se puder.

Já vê, minha querida mãe, que lhe contei tudo. Creio não ter exagerado nem disfarçado coisa nenhuma. Agora já lá vão os perigos, só resta agradecer a Deus o muito que me protegeu,

---

(1) Fui nomeado ajudante de campo do Comissário Régio por Portaria de 8 de Fevereiro. A 20, Eduardo Costa era nomeado Chefe do Estado Maior.

nar é a entrega dos régulos da Zichacha e Mahazul; e é o mais difícil de tudo. Pagamento de tributo, estabelecimentos de postos, abertura de estradas, colocação de linhas telegráficas, etc., tudo é secundário; mas significa para todos, sobretudo para êle, a submissão e o reconhecimento, pior uma forma palpável e evidente da nossa soberania. Depois não poderão os ingleses duvidar dela. Tenho esperança de que algo se conseguirá, porque as informações tôdas concordam em que êle não quer a guerra; é bastante inteligente para vêr que nela arrisca não só o poder mas a própria existência. Nunca julgou que tivéssemos fôrças brancas, mas agora que os seus principais indunas as têm visto aqui, e o número que êles naturalmente exageram, e a superioridade de armamento que reconhecem têm-no feito pensar. Pasmado e admiro como o Costa se tem agüentado no difficílimo lugar de chefe do Estado Maior. Só à sua tenacidade e à sua inteligência se deve estarem aqui as tropas, e eu ainda ontem lhe disse que tinha muita pena de o não ter ajudado nada, pois tenho estado sempre fora do comando das tropas, mas que estimo bem estar fora disso, pois só me faria amargurar mais, e me obrigaria a dizer um certo número de cousas que não gostariam de ouvir.

Ir-se-à agora para uma solução pacífica, em consequência das negociações? Deus o sabe, mas queira que não.

Filho maior amigo.

*Aires.*

*Residência de Gaza, junto de Mancajaze, 14 de Abril de 1895.*

Querida Mãi:

Aqui estou com o conselheiro Almeida e mais dois officiais, um secretário dêle e outro comandante do pelotão de lanceiros

que trouxe de escolta (1). Chegámos a 4 à noite depois de 11 horas de marcha desde o Chicomo, e a 6 o régulo mandava-nos cumprimentar por cêrca de 200 dos seus chefes. dizendo que só podia êle vir no dia 8, pois tinha morrido nessa noite uma das suas mães, viuva do Muzila. A 8 veio com efeito à nossa residência. É o Almeida o *único* portuguez que tem conseguido que êle o visite sempre primeiro; é, como naturalmente devia ser, um dos funcionários do Ultramar de quem os outros dizem mais mal e a quem o Mariano tem feito tanta guerra; mas, de todos os que conheço, é quem tem mais bom senso e mais conhecimento dos negócios daqui. Mas fechemos êste parêntesis e tratemos de dar uma idéia do espectáculo que presenciarei nesse dia, espectáculo que bem poucos europeus têm visto e com certeza o mais extraordinário a que tenho assistido.

Pelas 9 horas da manhã, do mato que fecha a elevação onde está o Curral do Gungunhana, vinha saíndo uma multidão de gente descendo para a grande *langua* do Manguanhana.

Ao chegar à planície, tudo isso fêz alto, formando uma densa linha negra que nos fechava o horizonte. Lentamente se foi ela aproximando de nós; pouco a pouco iam-se percebendo e distinguindo os vultos quando se partiu em 6 colunas, 2 delas muito profundas, ladeadas, cada uma, por duas mais pequenas. Eram as duas mangas de guerra dos Impafumane (homens altos) e Zinhone M'Chope (pássaros brancos), dividida cada uma em três troços (*mabange*) na fôrça de perto de 3000 homens cada uma, ostentando tôda a gala e a riqueza selvagem do magnífico traje de guerra vátua. Vinham armados só de cacetes, prova das suas intenções pacíficas, e tôda essa massa imensa avançava para nós cercado a Residência

---

(1) O alferes em Comissão na Companhia de Moçambique José Alves de Sousa Cardoso, hoje coronel de cavalaria de reserva, e o alferes do esquadrão de lanceiros José de Azevedo Lobo. Ambos prestaram óptimo serviço. Os soldados da escolta exemplares em todo o sentido.

sem um ruído sequer, manobrando com uma precisão e regularidade que fariam inveja a europeus. A cerca de 500 metros de nós destaca-se para a frente o *bobo ou jogral* do exército, literalmente coberto de peles de tigre, com um imenso capacete de penas negras na cabeça, dando cabriolas, ladrando como um cão, cantando como um galo. Já estavam as mangas juntas à residência, e as seis colunas formaram linha em semi-circulo em volta de nós, vindo para a frente até 15 ou 20 metros um grupo de cerca de 100 homens. Entre estes vinha o Gungunhana que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum; era evidentemente o Chefe duma grande raça. Dêse grupo adiantou-se um dos principais, orando por bastante tempo, dando-nos as boas vindas em nome do régulo e da sua nação e terminando pela saudação vátua: *bahete!* que repetida pelas milhares de bocas que nos cercavam produzia o efeito duma descarga de fuzilaria.

Então o régulo adiantou-se, sentámo-nos e trocaram-se os mais cordiais cumprimentos. É um homem alto, pouco mais baixo do que eu, e sem ter as magníficas feições que tenho notado em tantos dos seus, tem-nas sem dúvida belas, testa ampla, olhos castanhos inteligentes, e um certo ar de grandeza e superioridade. Ao levantar-se fêz-se de novo ouvir o estrondoso *bahete!* e formando outra vez as mangas em coluna, mandou-as entoar o canto de guerra. Aqui devia eu parar! Nada no mundo pode dar uma pálida ideia da magnificência do hino, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas vibradas com entusiasmo por 6000 bocas faziam-nos estremecer até ao íntimo. Que majestade, que energia naquela música, ora arrastada e lenta, quasi moribunda, para ressurgir triunfante num frémito de ardor, numa explosão queimante de entusiasmo! E à medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando, ainda por largo espaço, roboando pelas encostas e entre as matas do Manjacaze! Quem seria o compositor anónimo daquela maravilha? Que alma não teria quem

soube meter em três ou quatro compassos, a guerra africana com tôda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos me ribomba» o éco do terrível canto de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu transido de terror, perdido por entre as brenhas dêstes matos nos quais vivo há um mês.

No dia seguinte fomos à *banja*, espécie de conselho de estado, onde têm assento os membros da família do régulo e os grandes senhores de terras, umas trinta e tantas pessoas ao todo, e entabolámos as negociações. Desde o princípio se nos apresentou uma grande dificuldade: a de convencer o Gungunhana de que a submissão às nossas vontades o livraria da guerra. Se as tropas são tantas e estão nas minhas fronteiras não foi só para que vocês me viessem cá dizer isso. Se eu já tivesse dito que não, percebia então essa aproximação. Enfim seria longo enumerar os argumentos apresentados de um e outro lado em três *banjas* de cêrca de 4 horas cada uma. Só direi que admirei o homem, discutindo durante tanto tempo com uma argumentação lúcida e lógica. Enfim conseguimos o seguinte: Entrega como refens e como prova da entrega dos rebeldes os dois indunas grandes que nós nomearmos; entrega de 1000 libras em ouro e 3 dentes de marfim para *pegar pé ao Rei*, isto é, para que o Rei o continue a considerar subdito.

Accita a imposição do tributo e a ocupação militar de postos no território, e logo que as tropas saiam das fronteiras entrega os rebeldes. Antes de ontem foram daqui dois longos telegramas ao Enes; eu dizia no meu que julgo impossível alcançar mais agora e que acho perfeitamente aceitável a solução proposta (1). Como represento o exército nisto tudo, quis que êle soubesse a minha opinião particular. Agora resta espe-

---

(1) É evidente que só considerava a proposta aceitável *depois da ocupação militar dos postos*. Nem de outra forma faria sentido.



rar a resposta. O fio telegráfico acaba a três dias daqui, e só a 19 ou 20 cá podemos tê-la. Cá ficamos pois à espera.

Filho maior amigo.

*Aires.*

*Chicomo, 2 de Setembro de 1895.*

Querida Mãe:

Depois de escrever de Gaza recebemos lá a 19 um telegrama do Enes mandando-nos retirar, e ao chegar aqui a 22, à noite, nem palavra encontrámos a respeito do que êle quisesse. Tinha ido a Lourenço Marques e a 27 receberam-se ordens proibindo que o Almeida daqui sáisse, isto é *prendendo-o* e mandando chamar o comandante a Inhambane; êste deve voltar para o fim da semana talvez, e até então continua a perder-se um tempo tão precioso, quer se queira ainda negociar, quer se queira ir fazer a guerra.

*17 de Setembro de 1895.*

As cousas tomaram uma feição mais definida. Um mês depois de termos saído do Manjacaze andava ainda o Enes a ver se conseguia do Gungunhana o que nós já tínhamos obtido. O resultado de tanta tergiversação foi, ao que parece, êle faltar-se de nos aturar e mandar atacar as nossas fôrças na Cosine, a 8 dêste mês <sup>(1)</sup>. Conseguimos, graças a Deus, dar-lhe uma sova, mas não sem perdermos 5 homens mortos e tendo 23 feridos, entre êles parece que o Couceiro, muito levemente <sup>(2)</sup>.

---

(1) Combate do Magul.

(2) Esta notícia não se confirmou.

Em vista disso, o Enes mandou aqui romper quaisquer negociações e entrar no território vátua destruindo o que se pudesse. Apesar das tropas estarem aqui desde 28 de Julho, é-nos de todo impossível empreender uma marcha sôbre Manjacaze, pois a falta de meios de transporte é completa. Por isso, no dia 15 só fomos a umas três horas daqui, queimando uma 200 palhotas, matando uns 25 pretos e agarrando 40 bois e 63 cabras. Os pretos não ofereceram a menor resistência, segundo é o seu costume. O dia estava fresco, o ceu encoberto, motivo porque as tropas nada sofreram e iam na melhor disposição, segundo também é seu costume. Que pena tanta boa vontade desperdiçada e enervada por uma situação indecisa durante tanto tempo! O pouco ou nada que se pensa em geral no moral do soldado é uma das cousas desoladoras; vai quási tudo para o material. Agora estão armando umas barracas para hospital e o Braga chegou afinal com todos os recursos da Cruz Vermelha.

O Costa foi chamado a Inhambane pelo Enes, parece que para ir tratar da occupação da foz do Chengane; partiu daqui a 14 de madrugada; eu fiquei fazendo as vezes de chefe do Estado Maior, e a primeira operação militar executada por esta columna tive a sorte de me caber por debute. No telegrama em que chamava o Costa, o Enes mandava-me apresentar ao serviço e entregava a direcção de quaisquer negociações ao coronel. O Almeida saíu daqui ontem; agora *tout tourne á la guerre*. Eu estou muito melhor agora desempenhando um lugar de que sei e um lugar militar, do que metido numas negociações que o Enes destinava naturalmente a falharem para que o Almeida não tivesse a glória de acabar a questão. Temos ainda um mês de bom tempo; a 15 de Outubro muda a monção e começam as chuvas. Poderemos ainda aproveitar êste tempo? Deus o sabe.

Como podem supor, ando agora muito atarefado, o que é a melhor cousa que pode succeder na África. A saúde conti-